



EDITORIAL

4

Nesse junho de 2023, comemoramos 10 anos dos maiores protestos da história brasileira que sem dúvida tiveram muitos aspectos libertários e decoloniais. É com esse espírito e com enorme prazer que apresentamos mais um número da nossa REL na esperança de que novos junhos aconteçam.

Como primeiro trabalho apresentamos a tradução realizada por Thiago Romão de Alencar da obra intitulada: "Sobre alguns aspectos da historiografia da Índia Colonial" do autor Ranajit Guha. A versão de Alencar é uma oportunidade ímpar de maior aproximação do leitor brasileiro com a luta anticolonial indiana e com a crítica de Guha à historiografia de seu país marcada pelo elitismo colonialista nacionalista burguês, cujas origens se remetem ao domínio colonial britânico. Trata-se de um importante momento para fazermos paralelos sob quando se produz filosofia em contrário ao eurocentrismo, tendo como base o anticolonialismo indiano.

Na seção de artigos iniciamos com a excelente contribuição de Valena Ramos e Rômulo Castro: "As ilusões do Estado: do sindicalismo de Estado ao propositivo e cogestor como fator desmobilizador das classes trabalhadoras". Os autores fazem um estudo de caso da luta sindical das/os trabalhadoras/res do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) com vistas a analisar a crise atual do

sindicalismo. Assim, apresentam contundente crítica ao sindicalismo de orientação social-democrata e reformista como desmobilizadores da classe trabalhadora.

Nosso segundo artigo é de Kauan Willian dos Santos intitulado "Reunindo numerosos camaradas: organizações políticas anarquistas e libertárias no período da Primeira República no Brasil". Aqui o autor resgata, de maneira astuta, o papel das organizações políticas anarquistas no início do séc. XX com o intuito de investigar a participação de seus militantes na construção de uma política libertária no país, recusando interpretações históricas que ignoram a atuação e influência desses grupos na conformação política e social do país. Ao proceder dessa forma, Kauan luta contra o historicídio que ocorre com relação as lutas anarquistas no Brasil, destacando seu papel e o recolocando na história desse país.

5

O terceiro artigo denomina-se "Ajuíza, o deputado e o pastor - o discurso de ódio aos direitos humanos e à Marielle Franco" de Amadeu Cardoso Nascimento. O autor cumpre um importante papel ao resgatar e problematizar um dos crimes políticos mais emblemáticos da nossa política contemporânea. Ele rastreou reportagens em jornais de grande circulação no período entre 2018 e 2021 para investigar as intolerâncias raciais e de gênero sofridas por Marielle, mesmo após seu assassinato em março de 2018. Assim, mobiliza as categorias direitos humanos, minorias raciais e sexuais, defendidas por Marielle. O autor mostra como suas posições políticas foram alvos dos discursos de ódio, principalmente com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018.

Nosso quarto artigo é de Cello Latini Pfeil e Juan Filipe Loureiro Magalhães. Em "A patologização da transexualidade como evidência da colonialidade global" os autores mobilizam conceitos da teoria decolonial para promover uma conexão entre as Colonialidades do Poder, do Saber, do Ser e Cisgênera com a ideia de Colonialidade Global. O objetivo é compreender como a internacionalização dessas colonialidades afeta corpos não-normativos. Os autores trazem a patologização da transexualidade como evidência desse processo, além de uma crítica à perspectiva marxista que ignora a responsabilidade do colonialismo na constituição da organização mundial de poder e violência. Trata-se de um artigo que tem como eixo central a

perspectiva decolonial em associação implícita da filosofia anarquista. Por isso, decolonial e libertária.

O quinto artigo desse número da REL intitula-se “Mirando outros horizontes para pensarmos um ensino de Filosofia Decolonial”. Os autores Maurício Cossio e Aline Rosa aproveitam sua experiência em sala de aula como uma oportunidade de contribuir na construção de um ensino baseado na teoria e na prática decolonial. Assim, propõem um exercício do ensinar/aprender com um olhar crítico à colonização do pensamento que rompe com a lógica hegemônica da história da filosofia e resgata a função filosófico-crítica da escola, trazendo para a sala de aula um ensino de filosofia que valoriza a literatura, a história e a ancestralidade afro-ameríndia. Nesse sentido, a pesquisa colabora muito para as práticas antirracistas.

No sexto artigo desta edição intitulado “Moïse Kabagambe: os quinze minutos que ainda não terminaram” de Roberto Lima constitui-se em uma grande contribuição para o fazer histórico antirracista. Ele faz uma análise do papel exercido pelo Estado diante do brutal assassinato do refugiado congolês Moïse Kabagambe no quiosque na praia da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde trabalhava. Para tentar explicar a prostração tanto do Estado brasileiro, quanto das pessoas que presenciaram o linchamento de Moïse, o autor recorre aos conceitos de Necrofilia Colonialista Outrocida e de Necro-Racista-Estado, além de categorias e ideias do pensamento decolonial colaborando para a melhor compreensão da persistência do racismo na sociedade brasileira.

Por fim, o último artigo dessa edição intitula-se “Ser território próprio: a práxis da psicologia comunitária na promoção da saúde sexual e saúde reprodutiva junto à coletiva Mulheres da Quebrada”. As autoras Paula Rita Bacellar Gonzaga e Mariane Guimarães Labarrere nos apresentam uma importante experiência de liderança comunitária de mulheres negras no Aglomerado da Serra, na cidade de Belo Horizonte (MG), enquanto um espaço de fortalecimento, de acolhimento e afirmação política. No texto são analisados relatos de violência interpessoal e institucional, articulações estabelecidas com a rede de políticas públicas para garantia de direitos e o fortalecimento do espaço da ColetivA Mulheres da Quebrada, a

partir de quatro oficinas voltadas para a promoção de saúde sexual e reprodutiva. Para esta análise, as autoras promovem uma aliança entre o instrumental teórico-metodológico do feminismo negro e as premissas da psicologia comunitária, que visam transformação social.

Por fim, agradecemos aos pareceristas e aos autores por confiarem no nosso trabalho. Desejamos boa leitura e reflexão!

Wallace dos Santos
Isadora França
Juan Magalhães